

Consolação e alteridade: uma leitura bakhtiniana de *A nossa necessidade de consolação... (1952)*, de Stig Dagerman

“*Consolation and Alterity: a Bakhtinian Perspective on Our Need for Consolation... (1952)*, by Stig Dagerman

Eduardo da Silva Moll ¹

Glória Di Fanti ²

Pedro Theobald ³

RESUMO

Em *A nossa necessidade de consolação... (1952)*, o escritor sueco Stig Dagerman desenvolve a tese de que somente a morte consolaria, verdadeiramente, o ser humano. No contexto pós-Segunda Guerra Mundial, tal ensaio ilustra, desde um viés bakhtiniano, uma crise da alteridade. Nesse cenário, a presente reflexão objetiva investigar tensões entre alteridade e consolação no ensaio em foco, visando a discutir movimentos alteritários, tanto na tese defendida pelo autor quanto no enformamento de seu texto autobiográfico. Como referencial teórico-metodológico, amparamo-nos nos estudos de Mikhail Bakhtin, estabelecendo diálogo com outros autores que iluminam a reflexão, de modo a entender que a alteridade: (i) é a gênese, o meio e a finalidade da demanda por consolo; (ii) relaciona-se com a demanda coletiva por consolo em face ao Holocausto; e (iii) matiza a tese sobre a morte com tons relacionados à vida e à política, motivo pelo qual se presentifica no grande tempo.

Palavras-chave: Alteridade. Mikhail Bakhtin. Stig Dagerman.

ABSTRACT

In *Our need for consolation... (1952)*, Swedish author Stig Dagerman defends the thesis that only death would offer true consolation for human beings. From a Bakhtinian perspective, Dagerman's essay depicts an alterity crisis in the post-Second World War context. In this scenario, this article aims at investigating the tensions between alterity and consolation within Dagerman's essay, seeking to discuss alterity movements both in the author's thesis and in the autobiographical construction of his text. Methodologically and theoretically, this article aligns with the studies of Mikhail Bakhtin, in dialogue with other authors who contribute to this discussion. We argue that alterity: (i) serves as the genesis, means, and objective of the need for consolation; (ii) is related to the collective need for consolation due to the Holocaust; and (iii) nuances the thesis on death with values related to life and politics, which is why the essay remains relevant in the Great Time.

Keywords: Alterity. Mikhail Bakhtin. Stig Dagerman.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Letras – Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Porto Alegre/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0635-9845>. E-mail: eduardo.silva98@edu.pucrs.br.

² Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Porto Alegre/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5399-5377>. E-mail: gloria.difanti@pucrs.br.

³ Professor-pesquisador aposentado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Letras – Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6920-2669>. E-mail: theobaldpedro@yahoo.com.br.

"Senhor, piedade de mim, / olhos misericordiosos / pousando nos meus, / braços divinos / cingindo meu peito, / coisa miserável / no pó sem consolo, / consolai-me".

"Coisa miserável", em *Brejo das almas*, de Carlos Drummond de Andrade.

"O desfecho não é imanente à vida, mas lhe chega pelo alto como uma dádiva do ativismo do outro que lhe vem ao encontro".

O autor e a personagem na atividade estética, de Mikhail Bakhtin.

1 PALAVRAS INICIAIS

Nas epígrafes deste artigo, os enunciados de Carlos Drummond de Andrade (2015) e de Mikhail Bakhtin (2011b) tematizam a consolação, a vida narrada e seu desfecho, na contraparte da figura do outro. No poema "Coisa miserável", publicado em *Brejo das almas* (1934), o eu-lírico instaura-se, enunciativamente, como aquele que suplica piedade ao Senhor. O amparo à miséria existencial, espécie de "suspiro de angústia / enchendo o espaço", é encontrado no olhar e nos braços do divino outro (Andrade, 2015, p. 53). Em *O autor e a personagem na atividade estética* (1922-1924), Bakhtin (2011b), por sua vez, pontua a importância da alteridade na criação artística: a personagem, por e em si mesma, não desenvolve a obra; é preciso que um outro – um autor-criador, desdobramento do autor-pessoa (sujeito concreto) – faça descer sobre o mundo contemplado "a absolvição e a glória", certo desfecho valorativo enformante (Bakhtin, 2011b, p. 73). Logo, os autores dialogam quanto à importância da arte na elaboração de sentidos existenciais, tendo em vista o privilégio do encontro alteritário no plano estético.

No texto citado, Bakhtin (2011b, p. 22) entende que tanto a contemplação estética quanto o ato ético "não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência"; ou seja, o ato, na vida e na arte, pressupõe o encontro de pelo menos dois sujeitos insubstituíveis que nele se (re)conhecem. Nesse sentido, o ético e o estético imbricam-se no ser-evento dos indivíduos, instaurando, no encontro intersubjetivo, uma arquitetônica alteritária englobante, tanto na arte quanto na vida. Acontecimento exemplar dessa arquitetônica é o falar retrospectivo sobre si mesmo, a autobiografia, cujo autor é "o outro possível", "que está conosco quando nos olhamos no espelho", responsável por instaurar, no ato de recordar, uma "estética da vida" (Bakhtin, 2011b, p. 140).

Entretanto, enquanto na vida, ao experienciar os valores do encontro com o outro, "sempre tornamos a voltar para nós mesmos", na arte ocorre uma radical tensão alteritária, pela qual se sustenta um "fundo transgrediente a si mesmo" e ao ato de objetivação enunciativa – o outro, justamente (Bakhtin, 2011b, p. 14-15). Consequentemente, podemos compreender que a arquitetônica alteritária englobante da obra, independentemente do registro semiótico em que se objetiva, é, por si mesma, consoladora, ao promover o reconhecimento de "centros de valor de duas arquitetônicas não passíveis de sobreposição", em que a compreensão ética do outro se realiza "a partir de uma posição outra, diferente e ao mesmo tempo não indiferente" (Ponzio, 2017, p. 38). Segundo Luciano Ponzio (2017), o privilégio do diferente é explicitado na estética, da qual provêm os juízos e os valores que contornam o outro-para-mim também no plano da vida vivida.

A tensão arte-vida é tão ubíqua que pode, inclusive, dar vazão à descrença ética, ou seja, à revisão indagadora da alteridade e da vida. Nessa perspectiva, enfocamos o caso do escritor e jornalista sueco Stig Dagerman (1923-1954), cujo ensaio autobiográfico *A nossa necessidade de consolação...*, publicado em 1952, foi seguido pelo suicídio do autor-pessoa, em 1954. O escrito relaciona-se, contextualmente, ao “clima de latência” alemão pós-Segunda Guerra. Para Hans Gumbrecht (2010, p. 313), nos anos logo após 1945, embora as catastróficas consequências do nazismo estivessem presentes, a linguagem não as conseguia nomear e, portanto, “recuperar o que caiu em latência” (Gumbrecht, 2010, p. 313). Nesse contexto, o narrador de Dagerman (2020, p. 23) aventa a tese de que “o suicídio é a única prova de liberdade humana”. Por uma posição subjetiva análoga à acedia, na qual “o diálogo com o outro e com Deus seca, esgota-se em sua própria fonte” (Starobinski, 2016, p. 44), o narrador entende que o ser humano, enquanto estiver vivo, dependerá dos outros e a eles prestará contas – até mesmo quando a humanidade testemunha o Holocausto –, motivo pelo qual o cessamento do diálogo que a alteridade vital instaura aparenta ser uma ideia pertinente.

O autor-criador do referido ensaio, concebendo a morte como única consolação verdadeira, traz a nosso conhecimento uma crise da alteridade, a qual, em termos bakhtinianos, se desdobra em crise da identidade/subjetividade e da linguagem (Ponzio, 2008). Por um lado, o narrador reavalia a existência, justificando, para si mesmo e para o leitor, o consolo de não ser. Por outro lado, tal busca pela superação da alteridade materializa-se em movimentos alteritários típicos do discurso autobiográfico e reflexivo (ensaístico); nele e por ele, o narrador se instaura, porque reflete com o “outro possível”, o “outro na consciência”, aquele que difere do “eu-para-si” (Bakhtin, 2011b, p. 140). Trata-se de um texto com grande potencial para análise, pois desafia as teses bakhtinianas sobre a alteridade constitutiva, assim como outros casos discutidos pelo filósofo russo, a saber, a suposta solidão do nascimento e da morte, e o regime enunciativo aparentemente individual de uma autobiografia.

Nesse contexto, objetivamos investigar tensões entre alteridade e consolação em *A nossa necessidade de consolação...* (1952), de Stig Dagerman, visando a discutir movimentos alteritários, tanto na tese defendida pelo autor quanto no enformamento de seu texto autobiográfico. Nossa discussão considera as teses de Mikhail Bakhtin (2011a, 2011b, 2017a, 2017b, 2017c, 2018) e estabelece diálogos pontuais com outros autores, como é o caso de Philippe Lejeune (2014a, 2014b, 2014c). Do ponto de vista metodológico e de organização da reflexão, em um primeiro momento, tratamos do papel da alteridade na compreensão do ato, do estatuto do sujeito e de sua produção discursiva em termos ético-estéticos. Em um segundo momento, realizamos uma análise dialógica do ensaio de Dagerman (2020) com vistas a desenvolver o objetivo proposto. Por fim, trazemos considerações sobre a inexauribilidade do sentido no grande tempo.

2 ALTERIDADE NO IDEÁRIO BAKHTINIANO: TENSÕES ÉTICO-ESTÉTICAS

Para discutir a alteridade tanto na gênese do ato responsável quanto nos exemplos de casos-limite à alteridade constitutiva do sujeito e do sentido (o nascimento, a morte e o discurso autobiográfico), privilegiamos os escritos iniciais bakhtinianos, quais sejam: *Arte e responsabilidade*, de 1919; *Para uma filosofia do ato responsável*, escrito entre 1920 e 1924; e *O autor e a personagem na atividade estética*, de mesma data. Segundo Glória Di Fanti (2020), os textos citados, especialmente, explicitam as bases da perspectiva

filosófica bakhtiniana, uma filosofia da alteridade, uma "filosofia primeira, a filosofia do existir-evento uno e único" (Bakhtin, 2017a, p. 79), calcada no ato ético, responsivo e responsável. Di Fanti (2020, p. 10), ao apontar a presença de tais teses na produção do Círculo⁴, elenca, como um dos fundamentos do pensamento de grupo, a reiteração de um "sujeito relacional e inacabado". Tal inacabamento demanda a interação com o outro, seja na arte, seja na vida, de forma que a metáfora do cruzamento entre esferas torna-se frequente nos escritos do grupo.

Em *Arte e responsabilidade*, enfoca-se, explicitamente, os cruzamentos entre ética e estética. De acordo com Bakhtin (2011a, p. XXXIII-XXXIV), "[p]elo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos". O texto citado parece ter, como interlocutor presumido, os filósofos e os críticos de arte interessados pelas "questões antigas, relativas à inter-relação de arte e vida, à arte pura, etc." (Bakhtin, 2011a, p. XXXIV). Entretanto, ampliando a discussão, podemos dizer que a vivência responsável da arte é uma prerrogativa ao inacabamento estético da vida, que demanda constantes enformamentos avaliativos ao vivido e compreendido. A "vida vivida" é a esfera da resposta mais imediata aos outros, sob a forma de uma demanda ética (Bubnova, 2013). A arte é a esfera da elaboração distanciada, extralocalizada das respostas que damos aos outros – por isso, impulsionada pelo "possível", pelo "criativo", pelo "diferente". Com tal tensão, Bakhtin (2011a) propõe uma ancoragem ainda mais radical do sujeito à existência, pois "é mais fácil criar sem responder pela vida e mais fácil viver sem contar com a arte" (Bakhtin, 2011a, p. XXXIV).

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017a, p. 43) retoma essa problemática, argumentando que o sujeito, em seu existir, entrecruza "dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida". Nesse contexto, o primeiro deles se refere ao mundo teórico, desencarnado, prenhe de sentidos históricos e culturais, chamados de "especiais". O segundo é o mundo da vida concreta, lugar em que o ato responsivo recupera e atualiza sentidos especiais. O mundo efetivo dos sentidos, entretanto, não se sustenta somente na abstração, tampouco unicamente na necessidade prática. O sujeito deve mobilizar, portanto, uma responsabilidade bidirecional, encontrando "um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir" (Bakhtin, 2017a, p. 43). A materialização do ato, seja ele ato-pensamento, ato-enunciado etc., concretiza a inalienável responsabilidade de responder pela/para a cultura, a/por si mesmo e para os outros, no existir.

Por isso, conforme Bakhtin (2017a, p. 84), historicamente, "a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato", motivo pelo qual o ato-enunciado exige "a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade". Toda palavra (enunciado, discurso, signo ideológico) é uma unidade entre material

⁴ Pesquisadores bakhtinianos comumente se referem aos encontros de intelectuais de distintas áreas do saber, na Rússia, entre 1919 e 1929, como reuniões do "Círculo de Bakhtin". Segundo Brait e Campos (2016), teóricos como I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1937), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), I. Sollertinski (1902-1944), dentre outros, animavam as discussões. São particularmente relevantes à Linguística e aos estudos discursivos as produções de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédev (1892-1938) (Faraco, 2009). Embora este artigo, por razões de extensão, não traga contribuições dos demais participantes do Círculo, alinhamo-nos a Barbosa e Di Fanti (2020) ao compreender que o pensamento do grupo, indistintamente de conformações temporais, ecoa no conjunto da produção de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev.

semiótico, conceito (conteúdo-sentido) e afeto (tom emotivo-volitivo), consubstanciados na resposta ao outro. O sujeito, então, instaura-se na palavra, que concretiza as experiências ético-cognitivas e valorativas da relação com o outro, no interior de uma arquitetônica concreta englobante:

Para minha consciência ativa e participante, esse mundo, como um *todo arquitetônico*, é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato; tenho a ver com este meu mundo na medida em que eu mesmo *me realizo* em minha ação-visão, ação-pensamento, ação-fazer prático. Em correlação com meu lugar particular que é o lugar do qual parte a minha atividade no mundo, todas as relações espaciais e temporais pensáveis adquirem um centro de valores, em volta do qual se compõem num determinado conjunto arquitetônico concreto e estável, e a unidade possível se torna real (Bakhtin, 2017a, p. 118).

Nessa acepção, a arquitetônica englobante “deve ser pensada em relação ao todo da cultura, com parâmetros éticos e estéticos que se realizam nas práticas sociais interativas/discursivas” (Queiroz, 2017, p. 639). Em uma dada arquitetônica, o ato responsável participa do plano alteritário amplo do mundo da cultura, bem como do plano imediato da vida vivida, no qual encontra o outro e avalia tal experiência. Por isso, a arquitetônica concreta do mundo real do ato compõe-se pelos seguintes movimentos alteritários: “eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais” (Bakhtin, 2017a, p. 114). Dito diferentemente, o ato é composto pelo tensionamento das maneiras como eu me concebo (eu-para-mim), como eu concebo o outro (outro-para-mim) e como eu imagino que o outro me concebe (eu-para-o-outro).

Com base em Queiroz (2017), podemos compreender a arquitetônica como certa organização axiológica concreta, engendrada no e pelo evento de encontro com o outro, condicional ao entrecruzamento cultura e vida, ética e estética. Nisso, oportuniza-se a (re)visão, sempre nova, das percepções e avaliações sobre a existência, gerando acabamentos avaliativos sempre provisórios e abertos à mudança. Tais acabamentos materializam-se na linguagem, cuja materialidade semiótica sustenta, como viemos defendendo, o encontro de subjetividades no enunciado (Moll; Di Fanti, 2021). Considerando os movimentos alteritários fundamentais da arquitetônica, “o sentido é debitário da vinculação responsiva eu-outro”, em relação a qual o enunciado “objetiva as relações de alteridade entre sujeitos enquanto momentos concretos do diálogo produtor de sentidos” (Moll; Di Fanti, 2021, p. 11). Consequentemente, se a relação com o outro é condicional ao ato, então a alteridade ocupa lugar central também no conceito de subjetividade.

Tatiana Bubnova (2013, p. 12) qualifica a alteridade como “condição de possibilidade para a existência, a fundadora do eu”, sendo, por isso, o “elemento básico constitutivo da subjetividade”. A alteridade “dá medida ao eu-para-mim enquanto dependo do outro, e o outro de mim” (Bubnova, 2013, p. 12). De maneira análoga, Augusto Ponzio (2008) caracteriza a revolução bakhtiniana como o deslocamento da identidade à alteridade. Para Bakhtin, “[a] relação de alteridade aparece no momento em que tomamos consciência de nós mesmos, condição indispensável para a auto-identidade” (Ponzio, 2008, p. 194). Reflexões nesse sentido são encontradas nas reformulações de *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1968), em que Bakhtin (2018, p. 322) conclui, em relação aos personagens dostoiévskianos: “[o] próprio ser do [sujeito] (tanto interno quanto externo) é *convívio mais profundo*. Ser significa *conviver*”.

Na revolução bakhtiniana (Ponzio, 2008), questões que incidem nos movimentos de alteridade mais imediatos, relativos à história de vida dos sujeitos, ou mais amplos, referentes ao ambiente histórico, político e cultural das coletividades, reverberam na constituição das subjetividades e dos sentidos. Ao contemplarmos um enunciado, observamos as transformações e, talvez, crises da consciência, de maneira análoga às análises de Bakhtin (2018) sobre o sujeito do apelo nos personagens dostoiévskianos. Em suas análises, o filósofo russo observa que, no universo de Dostoiévski, as personagens orientam-se para fora, ao outro, a quem apela presença e resposta. Trata-se “do apelo às palavras dos outros, a partir do qual nos constituímos e produzimos sentido” (Moll; Di Fanti, 2021, p. 12). Logo, verificar as crises de convivência entre sujeitos e o mundo permite-nos sondar relações entre linguagem e subjetividade. Tais teses podem ser mais bem analisadas em, pelo menos, duas situações-limite: a relação vida-morte e o problema da autobiografia. A elas, Bakhtin (2011b), em *O autor e a personagem na atividade estética*, destina-lhes especial atenção.

A ideia de que a convivência é a verdadeira substância da existência decorre das análises de Bakhtin (2018) sobre o estatuto ilusório da solidão nos romances de Dostoiévski. Derivada do individualismo, a percepção de que nascemos sozinhos e morremos sozinhos não se sustenta. Para Bakhtin (2011b), o próprio nascimento e a própria morte são ilustres exemplos daqueles momentos inteira e unicamente testemunhados pelo outro. Mais ainda, tais momentos só ganham valor concludente e juízo estético – sentido, portanto – na contemplação do outro: “[o] conjunto da minha vida não tem significação no contexto axiológico da minha vida. Os acontecimentos do meu nascimento, da minha permanência axiológica no mundo e, por último, de minha morte não se realizam nem em mim nem para mim” (Bakhtin, 2011b, p. 96).

O plano estético justifica tais assertivas, pois um acontecimento que demanda avaliação, tal como a contemplação do nascimento ou da morte de alguém, só ocorre na distância produtiva que a observação interessada demanda. Nesse plano, gera-se o excedente de visão, aquilo que, em relação ao outro, “condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas e externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim”, sendo capaz de completá-lo, de proporcionar-lhe acabamento relativo, de acordo com o lugar de onde o autor realiza o ato-contemplação (Bakhtin, 2011b, p. 22-23).

No nascimento, o excedente de visão se verifica, por exemplo, quando o outro prepara e acolhe o nascido, não só em termos práticos, mas também emotivo-volitivos, envolvendo-o na linguagem afetiva do reconhecimento, até que o indivíduo possa se autorreconhecer. Bakhtin (2011b, p. 46-47) explica que toda criança “começa a ver-se pela primeira vez como que pelos olhos da mãe e começa a falar de si mesma nos tons volitivo-emocionais dela”, ao ponto de a relação infante-cuidador enformar o corpo nascido: “é como se ela [a criança] fosse enformada axiologicamente pelos abraços dela [da mãe]”. Para que um corpo biológico se torne sujeito histórico, é mister o reconhecimento de tal corpo pelo outro (eu-para-o-outro): “o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do *outro*, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora” (Bakhtin, 2011b, p. 47-48).

A morte de alguém também só pode ser contemplada pelo outro, único capaz de gerar um excedente de visão englobante do espaço-tempo entre a vida e a morte de um indivíduo. Para Bakhtin (2011b, p. 100), a morte está intimamente ligada à categoria do outro, visto que este “está mais intimamente ligado ao tempo [...], está por inteiro inserido

no tempo como o está inteiramente no espaço". A morte é sempre para o outro; para que eu experiencie, minimamente, a sensação de minha própria ausência no mundo, "devo compenetrar-me do outro e dos outros, para quem minha morte, minha ausência será um acontecimento de sua vida" (Bakhtin, 2011b, p. 96). Assim ocorre em Dostoiévski, que "nunca representa a morte de dentro para fora. São os outros que observam a agonia e a morte. A morte não pode ser um fato da própria consciência" (Bakhtin, 2018, p. 325). Por fim, a morte é a porta de entrada para o grande tempo, no qual os sentidos de uma vida seguem reverberando: "[o] indivíduo não morre. A morte é uma partida. O próprio [sujeito] parte. [...] O [sujeito] partiu, mas a própria palavra permanece no diálogo inconclusível" (Bakhtin, 2018, p. 338).

Como, entretanto, explicar a autobiografia, caso em que alguém reflete sobre a própria história de vida, tentando abarcá-la? Trata-se de um caso que exemplifica a responsabilidade bidirecional entre vida vivida e arte, marcado pela radicalidade da alteridade, que impede a sobreposição entre autor-pessoa, autor-criador e personagem. Consoante Bakhtin (2011b, p. 14), na objetivação do autor em personagem, "não deve ocorrer esse retorno a si mesmo: o todo da personagem deve permanecer o último todo para o autor-outro, deve separar o autor da personagem". Percebe-se, assim, que o princípio da estética é a extralocalização, pois o autor da obra é "a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência com elementos por princípio transgredientes a ela mesma" (Bakhtin, 2011b, p. 11). Com a alteridade, torna-se "firme o ponto de distância de mim mesmo, que tem como sustentáculo o querido mundo dos outros" (Bakhtin, 2011b, p. 142).

Bakhtin (2011b, p. 138) afirma que nem "na biografia, nem na autobiografia o *eu-para-si* (a relação comigo mesmo) é elemento organizador constitutivo da forma". Segundo Carlos Faraco (2009, p. 95), o escritor só conseguirá dar acabamento enunciativo à recordação se, em frente à própria vida, "distanciar-se dela, se olhá-la de fora, se tornar-se um outro em relação a si mesmo". Lejeune (2014b, p. 77) corrobora essa ideia, ao defender que a autobiografia "permite prestar atenção em si e escutar o outro simultaneamente", o que se aproxima do ponto de vista bakhtiniano: "minha contemplação de minha própria vida é apenas uma antecipação da recordação dessa vida pelos outros" (Bakhtin, 2011b, p. 141). A condição de possibilidade para o ato de narrar é "essa posição axiológica do outro", a partir da qual "eu adentro imediatamente nela através das personagens de minha vida – os outros, e *através dos seus narradores*" (Bakhtin, 2011b, p. 142). Quando enunciamos sobre nossas vidas, somos meio que "possuídos" pela voz narrativa dos outros, "é o outro possível, que se infiltrou na nossa consciência e frequentemente dirige nossos atos, apreciações e visão de nós mesmos ao lado do nosso *eu-para-si*" (Bakhtin, 2011b, p. 140).

Dessas reflexões decorre a definição de autobiografia: "[e]ntendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida" (Bakhtin, 2011b, p. 139). Há, como se percebe, o privilégio da exotopia transgrediente, da "distância exterior, espacial e temporal" típica do desdobramento autor-pessoa e autor-criador (Bakhtin, 2011b, p. 140). Compreendemos, então, a relação entre memória e morte: para que a autobiografia seja possível, devo ver-me como outro e, assim, antecipar-me à minha própria morte: "[a] memória da vida finda do outro (também é possível a antecipação do fim) possui a chave de ouro do acabamento estético do indivíduo" (Bakhtin, 2011b, p. 98). Com isso, a

autobiografia permite que o sujeito gere um excedente de visão em relação à própria história, compreendendo-a diferentemente.

Esse é o valor *biográfico*, que "pode organizar não só a narração da vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida" (Bakhtin, 2011b, p. 139). A conscientização sobre a própria vida, entretanto, nem sempre conduz à consolação de problemas existenciais, relacionados aos problemas individuais em face ao(s) outro(s), à vida e à morte. Dagerman (2020, p. 22) termina seu ensaio em contraposição à alteridade da existência: "[o] mundo é, portanto, mais forte do que eu. Não há outra forma de se opor ao seu poder do que por mim mesmo – o que não é pouco". Como pensar a alteridade constitutiva em um cenário de crise e descrença no outro – inclusive, em si mesmo?

3 A CONSOLAÇÃO NO ENSAIO AUTOBIOGRÁFICO DE STIG DAGERMAN: VIVENCIAMENTO OU CRISE DA ALTERIDADE?

Com base em *Por uma metodologia das ciências humanas* (1974), analisamos o ensaio de Dagerman (2020) como a materialização discursiva de um "ser expressivo e falante", com o qual dialogaremos (Bakhtin, 2017b, p. 59). Metodologicamente, levamos em conta o movimento dialógico do "ativismo do cognoscente [em nosso caso, o analista] e o ativismo do que se abre (dialogicidade)" (Bakhtin, 2017b, p. 58). Portanto, nossas análises operam por compreensão responsiva, postulado dialógico segundo o qual "toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante" (Bakhtin, 2016, p. 25). Respondemos ao ensaio, ancorados no referencial teórico explicitado, conduzindo a reflexão por dois eixos temáticos: a) a constituição do discurso autobiográfico, verificando a relação entre conteúdo e forma; b) a conceituação de consolação, verificando as tensões entre morte e vida, alteridade e crise.

Quanto ao primeiro eixo temático, a análise do registro autobiográfico precisa considerar a proximidade relacional entre pessoa, autor e narrador. Lejeune (2014a, p. 48) propõe, inicialmente, a seguinte fórmula para a autobiografia: "N [narrador] está para P [personagem] assim como A [autor] está para M [modelo]⁵". A fórmula parece propor uma identidade entre autor-criador, autor-pessoa e personagem, conflitante com os pressupostos de Bakhtin (2011b). Entretanto, os textos de Lejeune (2014) revelam que o pacto autobiográfico é, acima de tudo, um contrato social com o leitor, uma "promessa" relacional entre os componentes narratológicos citados, na forma de um "discurso que cont[ém] fatalmente sua própria verdade", não sendo "uma simples asserção", mas, principalmente, "um ato performativo", que "fa[z] o que di[z]" (Lejeune, 2014c, p. 83). Propomos, então, uma leitura conciliadora dos autores no que concerne à relação de alteridade, via regime de veridicção, entre autor, narrador e personagem, distinta da simples identificação ou fiel correspondência entre eles.

Diana Barros (2022), desde uma perspectiva semiótica, explora o conceito greimasiano de veridicção, explicando que o contrato de veridicção, estabelecido entre locutor e interlocutor, refere-se à promessa do primeiro em dizer a verdade ao segundo.

⁵ Para Lejeune (2014a), modelo é o eixo de referência empírica à narrativa autobiográfica, responsável por balizar a semelhança com o mundo conhecido pelo leitor.

Trata-se de um movimento instalado entre o fazer ser verdadeiro e o fazer crer, em que o enunciador "busca a adesão do enunciatário e determina como ele deve interpretar o discurso e 'ler' a verdade", construindo, para isso, um "dispositivo veridictório, espalhando marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário" (Barros, 2022, p. 24). Entendemos, nessa perspectiva, que o discurso autobiográfico instaura um regime de veridicção que, comumente, propõe a identidade entre autor-pessoa, autor-criador e personagem. É isto o que ele performa – a veracidade de uma vida autonarrada (Lejeune, 2014c). Entretanto, tal identidade é apenas o efeito estilístico da autobiografia, não seu princípio construtivo; a condição de possibilidade para o ato de narrar a própria vida é "essa posição axiológica do outro", a partir da qual "eu adentro imediatamente [em minha vida] através das personagens de minha vida – os outros, e *através dos seus narradores*" (Bakhtin, 2011b, p. 142). Vejamos, no trecho inicial do ensaio em análise, o tom do regime de veridicção proposto:

Falta-me fé e, portanto, não poderei jamais ser feliz, pois um homem feliz não pode temer que sua vida seja apenas um vagar insensato até a morte certa. Não herdei nenhum Deus, nenhum ponto fixo na Terra que pudesse chamar a atenção de um Deus; não herdei nem mesmo o furor oculto do cético, o gosto pelo deserto do racionalista ou a inocência ardente do ateu. Não ousa atirar pedras na mulher que crê em coisas de que duvido ou no homem que venera sua dúvida como se não estivesse também coberto pelas trevas. Essas pedras cairiam sobre mim, embora esteja convencido de uma coisa: a necessidade de consolação que temos não pode ser satisfeita (Dagerman, 2020, p. 13).

O tom emotivo-volitivo englobante do ensaio revela uma crise do sentido existencial, tematizada em face às figurações do outro: a crença religiosa – "Deus", o grande outro –; a certeza científica – "o gosto pelo deserto do racionalista" –; e a prática filosófica sobre a vida – o "homem que venera sua dúvida". A constatação da "falta", a ideia de imobilidade expressa por "jamais" e a imagem de um "vagar insensato" pode ser associada a uma prostração acéptica. Segundo Starobinski (2016, p. 43-45), a acedia, pertencente ao espectro melancólico, revela um "desespero total diante da salvação" divina, na qual "[q]ualquer esforço espiritual parece-lhe inútil, pelo menos enquanto permanecer no mesmo lugar". A falta de fé a que se refere o autor-criador do ensaio, entretanto, é mais ampla do que aquela relativa à esfera religiosa: refere-se não só à falta de Deus, mas também à falta de alguma convicção. A prostração da acedia, somada ao desespero por consolo, instaura um impasse entre o reconhecimento do sentido da vida do(s) outro(s), "pontos fixos na Terra", e a anedonia, incapacidade de engajar-se nesse mundo. A inexistência de salvação relaciona-se com a crise da alteridade, quando a relação emotivo-volitiva com o mundo (alteridade ampla) deixa de ser vincular, passando a ser disjuntiva.

Por consequência, a alteridade constitutiva da vida vivida não apresentou consolo, tampouco foi consoladora a elaboração reflexiva que o plano estético-ensaístico proporcionou, pois, até o momento da enunciação, o narrador ainda teme que a própria vida "seja um vagar insensato até a morte certa". A descrença em relação ao consolo, enquanto conteúdo do ensaio, afeta a forma, cuja arquitetônica fia a verdade de uma subjetividade já distanciada do outro e dos produtos culturais que o poderiam amparar. O excedente de visão do narrador, ao ser expresso em tons de confissão filosófica (indicando e justificando aquilo que lhe falta, em diálogo com a teologia, a ciência e a filosofia), angaria a credibilidade esperada de uma confissão autobiográfica e filosófica. Nesse caso, a estética reforça a crise ética, fiando o efeito de veracidade de um eu convencido pelo desconsolo, confessando suas teses ao leitor. A crise ética reforça-se pela beleza

estética, convencendo o leitor sobre uma conceituação outra da razão, um “gosto pelo deserto”; da religião, esforço para “chamar a atenção de um Deus”; e da filosofia, cujas dúvidas não superam as “trevas”.

A posição semântica exotópica do autor-criador em relação ao estado da personagem, expressa nas marcas de reflexividade, no trânsito entre tempos verbais que guiam a avaliação da vida em retrospecto (“falta-me”, até agora; “não ousei”, até este momento), assim como prospectivamente (“não poderei jamais”; “essas pedras cairiam sobre mim”), revela a presença do princípio alteritário da autobiografia (Bakhtin, 2011b). Tal tom emotivo-volitivo acena à plenitude da palavra (Bakhtin, 2017a) de quem acredita no leitor, confiante de suas mazelas. Portanto, o ensaio cria um efeito de responsabilização do enunciador pelo desamparo que verbaliza. Isso não só compõe o tema do ensaio, como também organiza a arquitetônica do discurso autobiográfico, em que se prestam contas àquilo que se experiencia em um momento de contemplação retrospectiva. Logo, o discurso, além de se construir nas/pelas relações de alteridade típicas da autobiografia, delas depende para atingir o projeto enunciativo do ensaio filosófico, a saber, expor uma tese e convencer o leitor.

A crise da alteridade se estabelece na forma como o discurso foi construído e sobre o que ele defende, conforme observaremos na sequência, ao determo-nos no segundo eixo temático. Para a tese relativa à impossível consolação humana, a partir da qual se justifica o suicídio como verdadeira liberdade e consolo, precisamos compreender quais os sentidos de “consolação” no contexto do ensaio. A sondagem é desenvolvida a partir de três instâncias, propulsoras da definição: (i) a insuficiência da consolação advinda da alteridade; (ii) a falsidade de qualquer consolação em face à miséria sociopolítica do mundo (alteridade ampla); e (iii) o suicídio como consolação verdadeira, em face à experiência temporal de vida e morte.

Na primeira instância, o ensaio desenvolve-se em tom de desespero/desesperança melancólica, acenando às tentativas frustradas de obter o consolo de que necessita:

Eu mesmo estou à caça de consolação como o caçador está atrás da presa. Onde vejo algo se mover no bosque, atiro. Meu tiro nada acerta, mas às vezes uma presa cai aos meus pés. Como sei que a consolação dura o sopro de vento na copa da árvore, recolho a vítima (Dagerman, 2020, p. 13).

O outro (a consolação) é vital ao sujeito perseguidor, mas a perenidade do que é gerado no e pelo encontro o desanima. A alteridade do fazer artístico, por sua vez, também falhou em prover-lhe o que mais importava – o contato humano: “a única coisa que importa e que jamais obtenho: a certeza de que minhas palavras tenham tocado o coração do mundo” (Dagerman, 2020, p. 16). Não foi possível obter consolo estético à agrura ética. A “caça” e os “tiros”, a “presa” caída e a “vítima” podem acenar à perda do sentido, o único aspecto da existência capaz de curar “o coração do mundo”, o qual, conforme registram as crônicas jornalísticas de Dagerman, encontrava-se desolado pelo Holocausto:

Dagerman descreveu, com detalhes impiedosos, o cotidiano de uma família vivendo no andar térreo de um prédio que estava permanentemente alagado. Dizer que essas pessoas estavam vivendo em ‘condições pré-históricas’ não teria sido o bastante. [...] Cada passo era um problema; elas haviam aprendido a dormir sem mexer seus corpos e a ameaça de doenças se manifestava em todo o lugar. [...] Não havia tempo, não havia força, nem mesmo a motivação para pensar sobre quais poderiam ter sido as causas de sua situação. A vida só era possível escapando da morte todos os dias (Gumbrecht, 2010, p. 306).

Viver a vida, conforme lemos na citação, era escapar da morte. A tensão entre vida e morte espalha-se ao jogo de axiologias contrastantes, em diferentes tons positivos e negativos, que qualificam cenas de convívio com o outro no decorrer do ensaio:

O que carrego nos braços?

Como sou solitário: uma mulher amada ou um infeliz companheiro de viagem. Como sou poeta: um arco de palavras que me impregna de sentimentos de alegria e de surpresa. Como sou prisioneiro: uma brecha improvisada de liberdade. Como sou ameaçado pela morte: um animal vivo e aquecido, um coração ingrato que bate. Como sou ameaçado pelo mar: uma rocha de granito imóvel (Dagerman, 2020, p. 13-14).

Isso me faz concluir que qualquer tipo de consolação que não leve em consideração minha liberdade é enganosa, nada mais que a imagem refletida do meu desespero. Quando meu desespero diz: deixe-se levar pelo desconsolo, porque o dia está enclausurado entre duas noites, a falsa consolação grita: espere, porque a noite está enclausurada entre dois dias (Dagerman, 2020, p. 14-15).

Retomando Bubnova (2013), a alteridade é condição da subjetividade. A relação com o outro, entretanto, não é necessariamente tranquila. Observamos, de acordo com Luciano Ponzio (2017, p. 106), que a arte é uma zona tensiva por excelência, pois demanda a "responsabilidade de outro pelo outro", aquela relacionada "à abertura ao outro de mim e ao outro para mim, uma responsabilidade não justificada, não protegida, não delimitada, não pacificada pela boa consciência". O autor-criador do ensaio em foco, autobiografando-se, experiencia uma forte intranquilidade de consciência, vendo-se como um sobrevivente de guerra, que "carrega nos braços" seus consolos, tal fossem despojos. Em todos eles, figura a alteridade: para a solidão, o amor; para o isolamento do escritor, a linguagem viva; para o sentimento de prisão, as brechas de liberdade; para a morte, a vida viva e quente, pulsante.

Nas representações do consolo, tematiza-se a dependência em relação ao outro. No entanto, o vínculo torna-se insuportável no momento em que o narrador de Dagerman (2020) percebe-se como poeta preso, solitário e ameaçado de morte. O enunciado autobiográfico, nesse caso, ilustra a falta do outro, bem como o apelo à sua palavra, sem a qual não pode se constituir sentido, tampouco subjetividade (Moll; Di Fanti, 2021). Instaurada a crise alteritária, concretizada no enunciado como encontro disjuntivo de subjetividades, podemos depreender a inundação do eu pelo sentimento pós-Segunda-Guerra, sem delimitar fronteiras entre sofrimento social e individual, conforme analisaremos a seguir, ao focar a relação morte / vida na narrativa reflexiva sobre si mesmo.

Segundo discutimos, o movimento discursivo autobiográfico é uma forma de visão e conscientização da própria vida (Bakhtin, 2011b). Em um contexto histórico no qual o outro tanto pode matar – o regime nazista –, quanto proteger, a crise da alteridade revela a conscientização de um "tempo congelado" (Gumbrecht, 2010, p. 315), já-acabado em face à impossibilidade de consolo ao Holocausto. A miséria sociopolítica do mundo gera, como reação, a necessária hipertrofia da individualidade, a defesa da própria inviolabilidade enquanto valor, como lemos a seguir:

Se quero viver em liberdade deve ser, por enquanto, dentro dessas formas. O mundo é, portanto, mais forte do que eu. Não há outra forma de se opor ao seu poder do que por mim mesmo – o que não é pouco. Enquanto não me deixo realmente dominar, sou também uma força. E minha força é temível enquanto eu tiver o poder das palavras para me opor ao mundo, pois quem constrói prisões exprime-se pior do que aquele que constrói a liberdade. Minha força, porém, será ilimitada somente no dia em que terei apenas o meu silêncio para defender minha inviolabilidade, já que não há machado capaz de talhar um silêncio vivo (Dagerman, 2020, p. 22-23).

Retomando as teses do filósofo russo, o nascimento e a morte dos outros exigem de mim certa contemplação estética, a única capaz de dar a essa vida um relativo acabamento, alocando-a em minha memória (Bakhtin, 2011b). Em nosso entendimento, seguindo a perspectiva bakhtiniana, a vida da personagem do ensaio autobiográfico, quando passada a limpo, testemunhou os efeitos mortificadores do nazismo e da guerra, materializada pelo tom bélico que acompanha a reflexão. Resta, como verdadeira consolação, a liberdade do corpo que, como ato político, pode a eles resistir por meio de sua ausência significativa.

Em relação à terceira instância de análise, portanto, a morte, nesse caso, representa a vida e a consciência política de uma coletividade, apostando no grande tempo, em que o "silêncio vivo" ecoará, promovendo mudanças. Segundo Bakhtin (2017c), o grande tempo é aquela dimensão temporal que abarca as grandes obras, os grandes autores, as grandes teses e descobertas. Nele, o sentido tende a se expandir, a gerar novos diálogos: "[n]ão existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do *grande tempo*" (Bakhtin, 2017c, p. 79). O trecho que segue ilustra tal ideia:

Tudo o que me ocorre de importante, tudo o que confere algo de maravilhoso à minha vida, como o encontro com a pessoa amada, uma carícia sobre a pele, uma ajuda em um momento de necessidade, o claro da lua, um passeio de barco no mar, a alegria de uma criança, a emoção diante da beleza, tudo isso se passa fora do tempo. Encontrar a beleza por um segundo ou por cem anos é completamente indiferente. Não apenas a beatitude encontra-se fora do tempo, mas ela nega também a relação entre o tempo e a vida (Dagerman, 2020, p. 20).

As tensões contrastantes, recorrentes no ensaio, abrandam-se na conclusão a que chega o autor-criador: a beleza, o maravilhoso, o que importa, "tudo isso se passa fora do tempo" e, por isso, está eternamente salvaguardado. Bakhtin (2011b, p. 80) nos ensina que o encontro alteritário é o acontecimento mais produtivo e vital no enredo de uma vida: "[d]o ponto de vista da real eficácia do acontecimento, quando somos dois o que importa não é que além de mim exista *mais um indivíduo*, no fundo o *mesmo* (dois indivíduos), mas que ele seja *outro* para mim". O outro está ligado, fundamentalmente, à categoria do tempo e do espaço, pois eu me contraponho externamente a ele que, por sua vez, está completamente à minha frente (Bakhtin, 2011b). Então, o consolo, ao final do ensaio, aproxima-se da não-indiferença em relação aos encontros que conferiram "algo de maravilhoso" à vida. Esses momentos eternizam-se devido ao acabamento estético, ao excedente de visão gerado por aqueles que dele participam, mantendo-se sempre presentes na memória individual e, certamente, no grande tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este artigo, ainda que provisoriamente, retomamos a reflexão de Bakhtin (2011b) sobre autobiografia quanto a seu poder de estetizar a vida pelas vias da rememoração enunciada. A memória individual é, em si mesma, coletiva, forjada nas e pelas relações de alteridade, pois não se dá sem a rememoração do eu pelo ponto de vista do outro. Isso permite fazer emergir na vida, ao mesmo tempo, a criação de passados, presentes e futuros possíveis, bem como a aposta no prolongamento temporal de experiências individuais e coletivas. A vida estetizada, portanto, é uma alternativa à morte entendida como acabamento, conclusão definitiva, ao passo em que, de maneira

reversa, faz reverberar na arte a crueza experiencial da vida concreta – mesmo em momentos nos quais o belo fraqueja frente à dor e ao genocídio. Com isso, a análise do ensaio de Dagerman (2020) sugere que a memória individual seja, em si mesma, coletiva, fruto da relação eu / outro, pois não existe sem a rememoração que o outro faz do eu, da narrativa do eu. Consequentemente, a memória objetivada, sendo uma estética da vida, pode inserir-se no “contexto dialógico” dos encontros – os quais, por princípio, não conhecem limites cronotópicos, estendendo-se “ao passado sem limites e ao futuro sem limites” (Bakhtin, 2017c, p. 79).

Nesse sentido, o ensaio de Stig Dagerman (2020) nos ensina, indiretamente, que a crise da alteridade é sempre testemunhada por alguém, que a ela responde e lhe atribui sentido. A contemplação amorosa do outro é consoladora: “[o] quadro, com o qual me deparo, da ruína e da desgraça plenamente motivada de uma pessoa que amo, me resultará totalmente diferente daquele da ruína de quem, do ponto de vista do valor, me é indiferente” (Bakhtin, 2017a, p. 125). A memória é essa forma de contemplação, que, desde o Holocausto, segundo Jeanne Gagnebin (2009), exige um “lembrar ativo”:

[...] um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento – do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos (Gagnebin, 2009, p. 105).

Percebemos, assim, que a figura da consolação cria sentidos a partir da tensão entre o vivenciamento e a crise da alteridade. Pela análise realizada, podemos entender que a alteridade: (i) é a gênese, o meio e a finalidade da demanda por consolo; (ii) relaciona-se com a demanda coletiva por consolo, tendo em vista os efeitos do Holocausto; e (iii) matiza a tese sobre a morte com tons relacionados à vida e à política, motivo pelo qual se presentifica no grande tempo. Nessa perspectiva, tomamos Gagnebin (2009), que, inspirada em Walter Benjamin, bem como nos estudiosos da Shoah, relembra o dever ético de recordar dos mortos pelo nazismo, a fim de evitar que os fatos se repitam. Tal dever ético de recordar o passado é garantido pelo diálogo com o grande tempo de nossa cultura. Afirma Bakhtin (2017c, p. 79) que os sentidos “passados”, “isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre haverão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo”. O tempo, então, é um grande consolador, pois reabilita o enunciado dos mortos à participação ético-política, aproximando-nos do justo e do necessário, valores estéticos sem os quais a humanidade se perderia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. Brejo das Almas. In: ANDRADE, C. D. **Nova reunião**: 26 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 41-61.

BAKHTIN, M. Arte e responsabilidade (1919). In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a. p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética (1922-1924). In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b. p. 3-192.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952 – 1953). In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável** (1920-1922). Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017a.

BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas (1974). In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 57-79.

BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017c. p. 21-56.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963). Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BARBOSA, V. F.; DI FANTI, M. G. C. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B.; ARANTES, P.; PESSÔA, M. (org.). **Em discurso 4 – Pesquisar com gêneros discursivos: interpellando mídia e política**. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 185-100. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/19773/2/Notas_sobre_gneros_do_discurso_em_Bakhtin_Volchinov_e_Medvidev.pdf. Acesso em: 24 abr. 2023.

BARROS, D. L. P. Contrato de veridicção: operações e percursos. **Estudos semióticos**, v. 18, n. 2, p. 23-45, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198279>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/198279>. Acesso em: 24 abr. 2023.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 15-30.

BUBNOVA, T. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. Tradução de Maria Inês Batista Campos e Nathália Salinas Polachini. **Conexão Letras**, v. 8, n. 10, p. 9-18. 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55173>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55173>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DAGERMAN, S. **A nossa necessidade de consolação...** Tradução de Flavio Quintale. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

DI FANTI, M. G. C. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: PASCHOAL, C. S. et. al. (org.). **Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética**. Porto Alegre: Polifonia, 2020. p. 7-28. Disponível em: https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/19772/2/Notas_sobre_a_alteridade_em_Bakhtin.pdf. Acesso: 24 abr. 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GAGNEBIN, J. M. O que significa elaborar o passado? In: GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 97-105.

GUMBRECHT, H. U. Uma rápida emergência do 'clima de latência'. **TOPOI**, v. 11, n. 21, p. 303-317, jul.-dez., 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X011021016>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/topoi/a/VF5TFNdpVqW3PpaZj9wHFPg/?lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. In: LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a. p. 15-55.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico (BIS). In: LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b. p. 56-80.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico, 25 anos depois. In: LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014c. p. 81-99.

MOLL, E. S.; DI FANTI, M. C. G. O encontro de subjetividades no enunciado: apontamentos sobre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Letrônica**, v. 13, n. esp. (supl.), p 1-16, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2021.s.42540>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/42540>. Acesso em: 29 abr. 2023.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

PONZIO, L. **Visões do texto**. Tradução de Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Giorgia Brazzarola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

QUEIROZ, I. A. O conceito de arquitetônica na teoria bakhtiniana: uma abordagem historiográfica, filosófica e dialógica. **Estudos linguísticos**, v. 46, n. 2, p. 625-640, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1506>. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1506>. Acesso em: 24 abr. 2023.

STAROBINSKI, J. **A tinta da melancolia**: uma história cultural da tristeza. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Artigo recebido em: 28/04/2024
Artigo aprovado em: 15/08/2024
Artigo publicado em: 21/09/2024

COMO CITAR

MOLL, E. S.; DI FANTI, G.; THEOBALD, P. Consolação e alteridade: uma leitura bakhtiniana de *A nossa necessidade de consolação...* (1952), de Stig Dagerman. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-15, e02429, 2024.